

A INFLUÊNCIA DO/A PROFESSOR/A NA VIDA ACADÊMICA DO/A ALUNO/A

Rones Aureliano Sousa

Professor de Filosofia da Escola de Educação Básica da
Universidade Federal de Uberlândia – ESEBA.
Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de
Uberlândia.

ronesfilo@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende investigar se há de fato influência exercida pelo/a professor/a, seja ele/a de educação infantil, ensino fundamental, médio ou de nível superior, na vida acadêmica do/a aluno/a. Pressupõe-se isso quando um aluno/a gosta ou deixa de gostar de uma determinada matéria, exclusivamente devido à boa ou má atuação de determinado/a professor/a em certa disciplina. Leva-se também em consideração, os fatores positivos e negativos que desencadeiam a suposta influência.

PALAVRAS-CHAVE: Influência. Professor. Aluno.

ABSTRACT: This article intends to show the major influence caused by the teacher, no matter if it's in primary, secondary or undergraduate school, in the student's academical life. That is proved when a student likes or dislikes a certain discipline, only because of the good or bad work of a certain teacher in a certain discipline. And also the pros and cons that lead to that influence are considered.

KEYWORDS: Influence. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

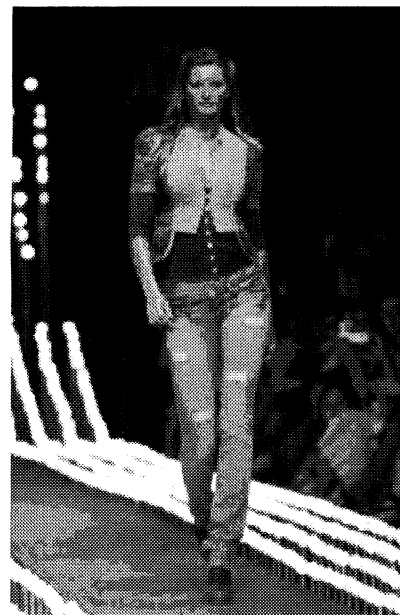
Desde crianças, crescemos ouvindo de adultos que nos circundam e gostam de nós, ditados populares como “você deve estudar mesmo, pois, tudo pode lhe ser roubado, menos o seu conhecimento”; “o conhecimento não tem preço” ou ainda “o trabalho dignifica o homem” e até mesmo a pergunta que nunca quis se calar “o que você quer ser quando crescer”?

Quando as crianças são muito pequenas, esses ditados populares não as levam a grandiosas ou compenetrantes reflexões, geralmente elas nem os entendem. E, diga-se de passagem, que naquele momento nem mesmo as interessa saber, pois, o que querem mesmo é brincar e se divertir. Em relação à pergunta, geralmente costumam reproduzir o que já ouviram alguém dizer ou “pegam carona” no sonho de outrem. O fato é que ainda não o sabem.

Segundo Alencar, Feldhussen e French (2004), muitos associam suas aspirações profissionais com aquilo que lhes causam prazer, fama e principalmente um garantido retorno financeiro. Muitos aspiram às ciências médicas (ser médico ou veterinário), outros às ciências jurídicas (ser advogado ou juiz). A maioria dos meninos demonstra o desejo de se tornarem jogadores de futebol. As meninas já se identificam com o mundo artístico, querem ser atrizes, modelos ou cantoras. Muitas dessas meninas se espelham na modelo e atriz Gisele Bündchen, sonhando em um dia chegar aonde ela chegou.

Em janeiro de 2007 a revista Forbes divulgou a lista das vinte mulheres mais ricas da indústria do entretenimento mundial e Gisele foi a única brasileira incluída. Com uma fortuna naquele momento estimada em torno de setenta milhões de dólares ela é a 16ª colocada. Enquanto a maioria das top models mantém no máximo quatro contratos, Gisele conta com um número que se aproxima de vinte, aí incluídos gigantes da indústria da moda como Dolce & Gabbana e Yves Saint Laurent. <www.giselebundchen.com.br> Acesso em 20 fev. 2008.

FIGURA 1



Gisele Bündchen

Comum também é ouvir a criança falar que quer seguir a mesma profissão do pai (o seu herói) ou do irmão mais velho. Às vezes, a experiência que tem com as profissões de seus familiares, ou com as pessoas que mais admira, causa um efeito contrário, fazendo-os optar por qualquer profissão, menos aquelas escolhidas por seus familiares mais próximos.

Raras são as vezes que alguma criança responde que quer atuar em alguma profissão diferente das profissões daquelas pessoas que ela ama ou estão próximas a ela. Porém, são raríssimas as vezes que as crianças respondem querer trabalhar em algo que, mesmo julgando necessário, considere não prazeroso.

Mas afinal, qual seria um possível fator que levaria a criança ou o jovem a escolher seu curso superior e consequentemente sua profissão? Segundo Yero (2003),

a criancinha brincando de “professora” alinha suas bonecas em fila e fica em pé na frente de sua “classe”, falando e admoestando seus alunos para “prestarem atenção”. Nessa tenra idade, ela já tem uma sensação forte sobre o que a escola “deve ser”. Não é novidade que, quando ela crescer e tornar-se professora, não lhe ocorra nenhuma idéia de lecionar de outra maneira. Pode-se supor que, dentre outros, é a influência de um/a determinado/a professor/a.

A SITUAÇÃO DO/A PROFESSOR/A

Foi-se a época em que ser professor/a era motivo de “bater no peito” e se orgulhar. Segundo Nóvoa (1992), hoje o cenário é de desilusão e muita luta. Pode-se perceber que o avanço técnico e científico é muito grande, novas tecnologias são descobertas a cada dia. Há o surgimento de novas profissões e grande valorização de outras, enquanto que a do/a professor/a é cada vez mais desvalorizada. Conforme Antônio Nóvoa (1995, p.21), a partir das décadas de 1930 e 1940, os docentes foram submetidos a uma série de processos, frequentemente contraditórios, que podem ser denominados, genericamente de “desprofissionalização” ou “proletarização”. Essas expressões expressam a perda de autonomia profissional dos docentes. Motivos para a desilusão docente é que não faltam: a perda do prestígio, a má remuneração, a falta de condições materiais para dar aula e, principalmente, a falta de segurança (violência verbal e física).

De acordo com Peralva (1996), em 1996 na França, foi criado um “S.O. S Professor”, que possibilita o acesso a um número de telefone permanentemente à disposição de professores, de modo que estes possam se manifestar fazendo denúncias de agressões e de situações de violência observadas no dia-a-dia de suas atividades profissionais na escola, sem o medo de represálias.

Vejamos um pouco sob qual realidade vivemos através de uma reportagem mostrada no Jornal Nacional (28/06/2007) e publicada em vários jornais de São Paulo. O trecho que veremos

a seguir foi escrito por Iskandarian (2007) do site de notícias da Rede Globo de Televisão G1, edição São Paulo.

“Não desejo o mal dele, diz professora agredida por aluno”.

Ela apanhou de um estudante de 15 anos em escola da Grande São Paulo.

Mudança do adolescente de escola é apenas “transferência do problema”, diz a professora.

Agredida moralmente e fisicamente e ainda ter de mudar de vida por causa de um estudante. É essa a situação que uma professora de 26 anos diz estar enfrentando desde o dia 18, quando levou socos no rosto e no pescoço de um de seus alunos, um adolescente de 15 anos. Ele cursava a 8ª série do ensino fundamental em uma escola pública de Suzano, na Grande São Paulo.

(...)

A agressão começou porque o aluno discordou dos argumentos da professora sobre a escolha de um grupo que representaria a escola em um evento. Por não ter boas notas e bom comportamento, o adolescente foi um dos excluídos. Após o término da aula, o rapaz atacou a educadora no corredor do primeiro andar, onde estudava.

(...)

O resultado foi um olho roxo, hematomas e mãos machucadas. Apesar da indignação com a violência sofrida, a educadora disse que não quer o mal do aluno, que “sempre deu problema”. “Não desejo o mal dele, mas gostaria que se redimisse porque é jovem ainda. Espero que tenha a consciência dos seus atos e a tenha a chance de mudar”.

A professora, na escola desde o início do ano, está de licença médica por 30 dias. Não sabe se vai voltar. Evita até mesmo passar pelo local de trabalho, tamanho medo de represálias. Ela criticou a formação dos alunos de instituições públicas no estado. “A estrutura de ensino público em São Paulo forma qualquer coisa menos cidadãos com noções de respeito”.

Pesquisa: Para conhecer melhor a relação entre alunos, professores e pais, o Sindicato dos Professores de São Paulo (Apeoesp) realizou

uma pesquisa com 684 profissionais da rede estadual de ensino. A surpresa foi constatar que em 25% dos casos as agressões físicas e verbais contra os educadores partem dos responsáveis pelos estudantes.

Os dados foram colhidos em dezembro e mostram ainda que 87% dos professores afirmaram ter presenciado algum ato violento dentro da escola e que 93% deles foram cometidos por alunos. A violência em sala de aula e o ambiente hostil fizeram com que 29% dos mestres admitissem a possibilidade de deixar de lecionar. Disponível em <<http://www.g1.globo.com>. Acesso em: 02 fev. 2008.

Reportagens e pesquisas como estas, nos faz refletir acerca da situação do docente, nos entristece e, por vezes, chega a nos envergonhar. O fato é demonstrado pela mídia e, de certa maneira, causa um “choque” na sociedade que se sensibiliza momentaneamente e, sem ter muito a se fazer, espera que as autoridades tomem medidas cabíveis. Verificamos afinal, alguma solução por qualquer que seja a parte? As autoridades se omitem, pais aflitos não sabem que medidas tomarem com o/a filho/a problemático/a, isso quando não são os próprios pais, os agressores ou os responsáveis pelo mau comportamento de seus/as filhos/as. A escola tenta da maneira que pode, mas não consegue educar de forma definitiva e eficaz o indivíduo. Sem recursos e sem autonomia, os/as professores/as ficam “de mãos e pés atados” e os colegas de classe por medo, ou se omitem ou se corrompem. Afinal, o que fazer? A quem recorrer?

A violência que está presente na sociedade atual parece-nos fazer parte, cada vez mais, do cotidiano da maioria das pessoas, e pensar a agir em função dela, vem se tornando um modo de viver principalmente nas grandes cidades. A violência que é vivenciada por todos, parece ser absorvida como prática natural, sendo incorporada ao cotidiano, sem que sejam avaliadas e percebidas as dimensões de suas conseqüências segundo Fonseca (1999, p. 483):

“O nosso cotidiano tem sido mobilizado a cada passo que damos e em cada local que aportamos pelas feridas sociais. Elas hoje se mostram expostas e derramadas na via pública, nas reuniões nas escolas, nos noticiários que lemos ou assistimos. Nossas casas são violadas, sem ou mesmo com a nossa presença. Nossas vidas são expõe-se aos riscos de forma mais intensa e repetitiva. A violência faz parte do nosso modo de viver. Tendo-se tornado imanente ao social. Sitiamo-nos em nossas propriedades, em nossos eus, encolhendo-nos diante das inseguranças que nos rodeiam, mesmo quando estamos no interior de nossas casas”.

E esse, infelizmente, não é o único motivo que envergonha e aterroriza a maioria dos professores. A questão salarial é um outro fator que merece destaque nessa discussão, pois, os/as professores/as, apesar de sua enorme importância para a sociedade, estão longe dos grandes salários como os de Gisele Bündchen (FIG. 1).

Vivemos em uma sociedade onde se valoriza em demasia os ídolos, geralmente do esporte. Reportagens mostram que torcedores fanáticos por seus times deixam até de comprar algum mantimento para casa para reservar o valor do ingresso do estádio para ver o seu “time do coração” jogar no final de semana, isso quando não vão também durante a semana. Viajam para fora da cidade, do estado e até mesmo do país para assistirem aos jogos. Esses “apaixonados” vão a aeroportos recepcionar os atletas, compram bandeiras, uniformes, foguetes, filiam-se a torcidas organizadas pagando mensalidade e tudo mais. Segundo Peretti (2006), a paixão incondicional é o que move três colorados que se propuseram a fazer tudo em busca de um sonho. Um mês antes do Mundial de Clubes de 2006, Zero Hora contou a história de torcedores que adiaram planos, venderam bens, fizeram promessas e até pequenas loucuras para ter a chance de ver o clube Internacional da cidade de Porto Alegre campeão do mundo pela primeira vez. Um deles adiantou o parto do filho em dois dias para poder ir ao Japão.

Já em relação aos professores de seus filhos, os pais por vezes nem ao menos os conhecem, não sabem o nome ou procuram saber qual é a relação destes com seus filhos, o que estão transmitindo a eles, ou mesmo, quais os verdadeiros sacrifícios realizados para educá-los. Como já foi dito anteriormente, o/a professor/a já não tem mais o prestígio que tinha outrora, ao contrário, é visto como profissional frustrado e mal remunerado. Alguns acreditam não ter motivos para constantes paralisações e greves. Porém, estas são as formas mais eficazes de o/a professor/a reivindicar os direitos que lhes pertence. Frequentemente temos notícias de greves em algum lugar do mundo. A seguir, vejamos duas frases, uma de cada lado das partes envolvidas, pertinentes a uma greve de professores ocorrida em novembro de 2007, em Guiné-Bissau na África, escrito por Gomes (2007), com a seguinte manchete:

Professores em terceira greve na Guiné-Bissau.

Os professores cumprem em 22 de novembro o terceiro e último dia da segunda vaga de greve enquanto a terceira já está convocada para a próxima semana.

“Não vejo a razão porque os sindicatos vão convocar a terceira vaga de greves a não ser que estejamos a entrar na via do radicalismo total”. (Joaquim Balde, secretário de Estado do Ensino).

“Enquanto professor, pai e encarregado de educação acho triste que não tenhamos outra alternativa. O governo é que nos empurrou para essa situação, não é nossa vontade”. (Eusébio Có, presidente da comissão da Greve do Sindicato Democrático dos Professores da região).

Enquanto vivemos numa época de precárias condições educacionais, submetidos a tantos fatores contrários e necessitados da ajuda do governo, somos obrigados a ouvir frases hipócritas ou no mínimo desrespeitosas como a de Joaquim Balde (acima), chamando os sindicatos de radicais totais, como se os professores

pedissem algo impossível ou que não lhes coubesse por direito. Ora, se não nos atentarmos, podemos correr o risco de “ficarmos perdidos” em meio ao descaso do governo e até nos confundirmos e repensarmos se o seu verdadeiro papel é de fato, assegurar os direitos dos professores e principalmente dos alunos enquanto cidadãos, concedendo-lhes as condições mínimas e necessárias, gratuitas e de qualidade para o aprendizado e a educação.

A violência escolar que era aleatória e quase rara, passou a ser cotidiana entre os mais diversos continentes, países, cidades e escolas onde cursam alunos, tanto de baixa, como também de privilegiadas condições financeiras.

A INFLUÊNCIA DO/A PROFESSOR/A E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COMO ESTUDANTE

Apesar de citadas apenas algumas das inúmeras dificuldades sofridas por grande parte da classe docente, podemos verificar, com grande frequência, que alguns/as alunos/as ainda manifestam o desejo de tornarem-se professores/as. Acreditamos fortemente, que um dos principais motivos é a influência sofrida por algum/a professor/a. Segundo Knolwles (1970), o comportamento do professor, provavelmente, influencia mais do que qualquer outro fator no clima da aprendizagem.

Desde criança gostávamos de jogar futebol, inicialmente na rua com os vizinhos, era a chamada “peladinha de rua”. Ela era quase sagrada, ocorrendo todos os dias após a chegada da aula no turno da tarde. Tínhamos horários para começar, mas não de acabar. Jogávamos até as forças acabarem e a noite avançar. Mesmo após o término das forças, sentávamos por sobre, ao lado ou abraçados com a bola que geralmente era velha e desgastada, mas muito bem tratada por todos nós. Ficávamos ali até sermos chamados por nossas respectivas mães para tomar banho e jantar. A tarefa escolar passada pelos professores naquele dia, inevitavelmente ficava sempre para o dia posterior.

Fomos crescendo e, juntamente conosco, o gosto pelo futebol. As partidas já não eram mais realizadas na rua em frente as nossas casas, pois pensávamos já não sermos mais crianças para brincar na rua descalço e sem camiseta. Marcávamos horário nas quadras de esportes da região. O valor total do aluguel era dividido entre os “atletas”. A quadra preferida era a da escola onde estudávamos, chamada Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza que apesar de ser considerada uma escola de bairro, era situada em um bairro não muito distante do centro da cidade. A escola possuía em sua área, duas quadras para as aulas de Educação Física, uma descoberta, geralmente utilizada pelos meninos na prática do futebol e a outra coberta, geralmente utilizada pelas meninas na prática do vôlei. Nesta escola estadual onde estudamos desde a quinta série do ensino fundamental até nos formarmos, conhecemos e nos simpatizamos com vários professores, inclusive entre eles, Joel, o professor de Educação Física. Éramos simpáticos a ele, também pela nossa preferência pelo esporte de que mais gostávamos: o futebol.

Mesmo sem saber de todos os caminhos e todas as dificuldades para se chegar ao término do curso e efetivamente atuar, pensávamos em nos tornar professores de Educação Física. Um dos motivos que nos incentivou é que o professor Joel tinha um fusca bege muito bem conservado. Outro é que seus dois filhos estudavam em um colégio de freiras, muito conceituado na cidade, particular e de custo muito elevado para se estudar. Além disso, vem o principal: ele formava os times com 05 (cinco) estudantes, 01 (um) no gol e 04 (quatro) na “linha” e quando faltavam “atletas” ele mesmo completava o time. Pensávamos ser muito bom trabalhar brincando, fazendo o que se gosta e ainda ganhando para fazer isto.

Aos poucos fomos tomando conhecimento dos procedimentos e nos deparamos com algumas dificuldades e uns foram obrigados, desde já, a mudarem os planos, uma vez que o curso

de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (nossa cidade) UFU era de período integral, o que impossibilitava para a maior parte dos interessados no curso, devido à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família. A possibilidade seria, então, cursar uma faculdade particular, o que também as condições financeiras desfavoráveis não possibilitavam.

De planos modificados, fomos tomando outros direcionamentos, também influenciados por boas ou más atuações de professores que passaram por nossas vidas estudantis. Uns nos influenciaram positivamente, outros nem tanto e devido a essa influência, daquela turma de amigos, formaram-se professores de Filosofia, Português, Biologia, Música e apenas um daquela turma, o que tinha melhores recursos financeiros, se formou para Educação Física, motivo este que nos orgulha até hoje.

Para confirmar a tamanha influência que muitos professores, mesmo que inconscientemente, exercem sobre alguns de seus alunos, vejamos o caso de um daqueles jovens. No início queria se tornar professor de Educação Física, após tomar conhecimento das dificuldades, foi obrigado a abandonar o curso, mas não a vontade de lecionar. Já no cursinho pré-vestibular, foi aluno de dois ótimos professores - Redação e Filosofia. Influenciado pela irmã mais velha (de certa maneira uma professora para o jovem), prestou vestibular para Pedagogia, onde atuaria como professor infantil. Após não ter sido aprovado, mais maduro e ciente do que queria, prestou mais duas vezes para Letras, a fim de se tornar professor de Redação e também não obteve sua aprovação. No quarto e último vestibular, optou em pleitear uma vaga na graduação de Filosofia, onde foi aprovado, cursou, se formou e atualmente atua em uma escola da rede federal de ensino e é muito feliz com a escolha que fez outrora. Trabalha em uma escola e lembra da poesia “A Escola” de Paulo Freire:

“Escola é... o lugar onde se faz amigos
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é, sobretudo, gente,
 Gente que trabalha, que estuda,
 Que se alegra, se conhece, se estima.
 O coordenador é gente, o professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um
 Se comporte como colega, amigo, irmão.
 Nada de ‘ilha cercada de gente por todos os lados’,
 Nada de conviver com as pessoas e depois
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como o tijolo que forma a parede.
 Indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só
 Trabalhar,
 É também criar laços de amizade.
 É criar ambiente de camaradagem.
 É conviver, é se ‘amarrar nela’!
 Ora, é lógico...
 Uma escola assim vai ser fácil
 Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se,
 SER”. (FREIRE, 1988)

Houve também aqueles que seguiram outros caminhos que não o de professor devido à antipatia por alguns professores desgostosos da profissão, até talvez por alguns dos motivos citados acima.

Apenas por algum tipo de doença ou distúrbio, que um indivíduo adulto não se lembra de sua infância. Alguns lembram com amor a época em que eram crianças, outros apenas com carinho, outros já com frustrações e outros ainda com remorso, tristeza ou sentimentos afins. O fato é que deixaram de ser crianças e não podem mais agir como tal: Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança. (I Coríntios 13:11)

Neste sentido, a sociedade atual obriga que as crianças “percam” a sua infância cada vez mais rápido, para poderem trabalhar e ajudar no sustento da família. Outros fatores também existem como a invasão de tecnologia na vida infantil, fazendo com que percam mais rapidamente a inocência através de jogos violentos, sexuais e um vasto número de outros motivos.

O fato é que essa criança um dia se transformará em um adulto e terá que seguir um determinado caminho, uma determinada profissão. Muitas são as opções que tem e vastas são as influências que sofrerá ao longo de sua formação. O que se pôde acompanhar nesse artigo é que em muitos casos, a criança opta por uma profissão no decorrer de sua vida escolar e por muitas vezes é influenciada pelo/a seu/a professor/a.

É certo que aqui, falamos apenas um pouco do que é a influência exercida pelo/a professor/a em relação a uma grande parte de alunos/as, já que é um tema muito vasto e com muito mais possibilidades. No entanto, podemos e devemos ou melhor no entanto, concluirmos quão é a grande importância do docente na vida do discente e começar a valorizar de maneira devida esse grande profissional que atualmente é pouco privilegiado, muito desvalorizado e, às vezes, até mesmo discriminado: o/a professor/a.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S., FELDHUSEN, J.F., FRENCH, B. Identificando talentos, aspirações profissionais e pessoas mais admiradas por estudantes. *Psicol. esc. educ.* v.8 n.1 Campinas jun. 2004.

Bíblia Sagrada. N. T. 1º Coríntios, 117ª ed. São Paulo Editora Ave Maria, cap.13.11.

FONSECA, T.M.G. Dos manicômios à sala de jantar: considerações a respeito da psicopatologia educacional. In: SANTOS, J.V. et al. *Violências no tempo de globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1999, P. 477- 486.

FREIRE, Paulo. *A escola*. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/poesias>>. Acesso em: 27 jan. 2008.

GOMES, Salvador. Professores em terceira greve na Guiné Bissau. Disponível em: www.bbcafrica.com:www.bbc.co.uk/portugueseafrika/news/story/2007/11/071122_gbissaustriketl.shtml. Acesso em 02 fev. 2008.

ISKANDARIAN, Carolina. Jornalista do site de notícias da Rede Globo de Televisão G1, edição São Paulo. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com>>. Acesso em: 02 fev. 2008.

KNOWLES, M. S. *A moderna prática da educação de adultos*. New York: Association Press, 1970.

NÓVOA, Antonio. *Os professores e as Histórias da sua vida*. In: NÓVOA, António (org.) *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora 1992.

NÓVOA, Antonio. *Profissão Professor*. 2ª ed. Porto/Portugal: Porto Editora Ltda., 1995.

PERALVA, Angelina. *A violência na escola: um estudo de caso*. Paris, Relatório de pesquisa, CADIS/CNRS. 1996.

PERETTI, Daniela. Jornalista do site de notícias Zero Hora. Matéria dia 17 dez 2006.

Site de notícias: www.natalpress.com. Acesso em 10 fev. 2008.

Site oficial da modelo e atriz. www.giselebundchen.com.br. Acesso em 20 fev. 2008.

YERO, J. L. **A Influência das Crenças dos Professores**. Disponível em www.golfinho.com.br. Acesso em 05 fev. 2008.